

## CONCEITOS E MUDANÇAS EM JORNALISMO

Lia Seixas<sup>1</sup>

Com as mídias digitais, ocorreram mudanças no jornalismo. Discute-se as práticas, as linguagens, as narrativas, as relações com fontes, identidade profissional, o campo jornalístico. As fronteiras parecem ter sido mais alargadas. Mas será que as mudanças são estruturais? O que se pode considerar mudança no jornalismo? As propriedades do jornalismo parecem continuar as mesmas sugeridas por Otto Groth há mais de 80 anos. Periodicidade e atualidade, por exemplo. A pirâmide invertida parece estar mais forte nos sites noticiosos, de tempo multicrônico. Muitos conceitos do campo jornalístico ficaram sem desenvolvimento, tal como: o próprio “lead”, periodicidade, notícia, noticiabilidade, funções sociais, instituição jornalística. Quais são as propriedades do jornalismo? Do que se trata o jornalismo? Quais os objetos do jornalismo? Existem jornalismos? Se sim, o que marca aquilo que é comum e aquilo que é o diferente no “S” do plural? O que se pode pensar do futuro do jornalismo?

Christa Berger, pesquisadora dos estudos do jornalismo e professora da Unisinos, e Frederico Tavares, premiado pesquisador, professor da UFOP e recém orientando de Berger, debatem o lugar do jornalismo no rol de saberes sobre o cotidiano, refletindo sobre dimensões de suas práticas informativas. Em Leituras do cotidiano e as intersecções entre jornalismo e as ciências sociais entendem o jornalismo, como prática, que interpreta a realidade social. Esse reconhecimento do papel interpretativo do jornalismo cerca-o de uma condição de sujeito social, que leva à reflexão sobre a condição explicativa do jornalista e de intérprete. Para os autores, que pesquisam juntos no Estudos em Jornalismo (GPJor), a virada jornalística tem mais a ver com posturas sobre o cotidiano que com o cotidiano em si. Os cotidianos jornalísticos seriam incorporados e/ou criticados por outros campos ou não. Aqui estaria o eixo de sua problematização e aquilo que pela interpretação se interpenetra.

Denis Ruellan, professor titular da Universidade de Rennes 1 e pesquisador do CRAPE, parte da perspectiva de que a sociedade, como os jornalistas, é um dos atores do jornal. Depois de revisitar estudos sobre imprensa local e regional francesa dos últimos quarenta anos, o artigo Le local, acteur du jornal discute diferentes conceitos de

1 Docente do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA. liaseixas@gmail.com. SALVADOR, Brasil.

dispositivo com Foucault (1977), Deleuze (1989), Peeters & Charlier (1999), Agamben (2007). O autor acredita que a noção de dispositivo poderá ser útil para compreender a transformação que têm sofrido os jornais, a transição de um sistema construído no local, pois o dispositivo contribui para o destino do produto. E defende: o contraste entre duas visões do dispositivo é simplista e estéril: o jornal local é um espaço intersticial, compartilhado, subjetivo.

Na mesma dimensão conceitual, os pesquisadores Ronaldo Henn e Felipe de Oliveira, seu orientando de doutorado na Unisinos, com trabalho etnográfico e foco na natureza semiótica da linguagem, analisam as tensões com as quais convive o jornalismo como mediador do espaço público diante de outros cenários de construção do acontecimento. A partir de um cenário de crise do jornalismo, os autores acreditam que: o jornalismo tem sido intimamente afetado pela emergência das redes nos processos de significação dos acontecimentos; haveria uma capacidade inédita de agendamento do jornalismo; a mobilização em rede e suas próprias formas de narrar podem dar a ver mais da complexidade do cotidiano; o enquadramento que o jornalismo aplica tende a perpetuar valores do ideário dominante que permeiam a memória coletiva. Em *Movimentos em rede e ocupação do espaço público: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo*, os pesquisadores defendem que seria propício a uma revisão dialética das práticas e que o jornalismo admita sua função mediadora na construção social da realidade, da qual resulta certo tipo de conhecimento específico.

Com foco nesta conjuntura de mudanças no jornalismo, o fotógrafo e pesquisador Afonso Júnior entende que a questão posta é clara: há um cenário que pede um reposicionamento de práticas. O líder do grupo de pesquisa Fotografia, Estética e Contemporaneidade analisa, através do caso de demissão da equipe de fotógrafos do Chicago Sun Times, a sobreposição de duas tecnologias, dois saberes: a própria fotografia e os sistemas de informação digital. No artigo *Da foto à fotografia: os jornais precisam de fotógrafos?*, ele advoga que o caminho da valorização do fotojornalismo passa por um incremento qualitativo editorial de responsabilidade do fotojornalista, que não ocorrerá de modo autônomo ou isento. Compreendendo o fotojornalismo com capacidade inerente de produzir conhecimento, assim com o texto, o autor acredita que existe um raciocínio distorcido de que, se o dispositivo é multimídia, o usuário que o opera também o é. Sugere, assim, o que chama de “quatro frentes de pressões e possibilidade”: a consolidação da transição cultural e tecnológica do campo da fotografia em geral reposiciona funções e competências cognitivas engendradas no processo; a desintermedia-

ção da produção aponta tanto para a adoção de práticas emergentes de um capitalismo de acumulação flexível; no processo de convergência, a polivalência profissional dada a partir da acumulação de funções que envolvem trabalhar múltiplas linguagens; e esses três pontos indicam uma reorientação epistemológica do fotojornalismo.

O professor Sérgio Luiz Gadini, referência brasileira por seu trabalho sobre o chamado jornalismo cultural, pensa sobre o futuro da profissão, analisando com dados e indicadores o cenário de mídia brasileiro. Em *Crise de modelos*, adaptações tecnológicas e desafios do campo jornalístico, aponta alguns desafios e possibilidades de atuação jornalísticas, dentre as quais, destaca: o ‘jornalismo colaborativo’, embora as participações certamente não sejam determinantes nas decisões editoriais; e as experiências de crowdfunding, enquanto estratégia comercial adaptada aos meios editoriais, que parecem surgir como contribuição aos modelos tradicionais de gestão jornalística. Atualmente com o projeto de pesquisa “Consumo midiático e a juventude paranaense em tempos de convergência Tecnológica”, Gadini investiga o acesso à web, observa as mudanças das condições de produção, critica a cobrança do conteúdo em rede e, ao final, sublinha rede colaborativa da plataforma Catarse, na qual se vota as pautas e se faz doações.

No trabalho *Remediação da Experiência de Consumo de Notícias em Sites de Redes Sociais*, as pesquisadoras Vivian Belochio e Gabriela Zago investigam o consumo jornalístico nas redes sociais, transformado a partir das propostas de remediação dos jornais de referência. Elas observaram os usos de redes sociais em 20 perfis de jornais brasileiros, norte-americanos, britânicos e espanhóis em cinco diferentes plataformas (Facebook, Twitter, Instagra, Google Plus e Pinterest) através de análise de conteúdo, a qual gerou uma classificação. A recém-doutora Vivian e a doutoranda Gabriela, ambas orientadas por Alex Primo (UFRGS), acreditam que os sites de redes sociais podem possibilitar o consumo diferenciado das notícias, remediando o relacionamento estabelecido com o público, pois existe a necessidade de conquistá-lo. As autoras defendem a realização de estudos sobre a remediação da experiência de consumo, já que indicam a possibilidade de que o acesso aos conteúdos noticiosos pode estar passando por uma transformação. A Contemporanea espera que esse dossiê concentrado no atual contexto de mudanças, possa contribuir para os estudos do jornalismo, tão embrionário em proposições conceituais para esta prática social imprescindível para as sociedades democráticas.